

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ENTRE O RECIFE E O SERTÃO: ESPAÇOS DE APEGO E DE AVERSÃO NA ESCRITA DE MAURO MOTA

Maria Samara da Silva

Mestre em História da Universidade Federal do Rio Grande Norte
samsilvasamara@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação tem por foco perspectivas divergentes acerca dos espaços, desenvolvidas pelo intelectual nordestino Mauro Mota (1911-1984) entre as décadas de 1950 e 1970, bem como suas respectivas escritas. O objetivo central é discutir, a partir deste caso, as diferentes possibilidades de análise acerca de conceitos da geografia humanística e seus usos para a história dos espaços. Tais conceitos são, sobretudo, os de experiência, topofilia e paisagens do medo de Yi-Fu Tuan, e as construções em torno do lugar em Ed. Investiga-se aqui um cenário de contribuições entre a história e a geografia para a compreensão da perspectiva dos intelectuais acerca dos espaços. De modo geral, se investiga as mais profundas relações entre o homem e a terra, em sentidos positivos e negativos.

2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DOS ESPAÇOS, O RECIFE E O SERTÃO

O histórico da construção da espacialidade sertaneja é longo, remetendo a diversos espaços. No Brasil, o Sertão foi originalmente uma categoria criada para se referir às terras ainda não propriamente “civilizadas”, alvos das bandeiras que adentravam a colônia. Por muito tempo, o conceito de Sertão foi ligado ao de fronteira entre a civilização e o mundo selvagem (SOUZA, 1998). Em seu estudo, Souza (2015), mostra que o espaço sertanejo tem sido entendido, no pensamento social brasileiro, como uma constante oposição ao litoral. Para ela, isto se justifica pela origem e disposição dos narradores, sobretudo litorâneos e exógenos, que em suas viagens concretas ou imaginárias passam a enxergar um espaço totalmente díspar daqueles em que cresceram. Neste sentido, a narrativa tende a dar mais foco aos problemas da região. O afastamento dos “centros de civilização” teria produzido uma sociedade muito mais próxima à selvageria e à barbárie. Na visão desses estudiosos, é necessário pensar uma unidade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nacional e, desse modo, o Sertão surge como um espaço problema que precisa de meios para se integrar à nação e construir um Brasil único.

Nesse viés, o Litoral é visto como um lugar de familiaridade, sobre o qual não se precisa fazer nenhuma discussão, a não ser o reconhecimento de que se trata de um ambiente irradiador de cultura, tecnologia, da lei e da ordem. No seu estudo, Souza focou em intelectuais do Sudeste, porém os intelectuais do Nordeste também conduziam interpretações sobre o espaço sertanejo. Para alguns, esta região é vista como um espaço de louvação e de saudade retificando qualidades de seu povo e de sua terra. Mas, para outros, oriundos sobretudo da Zona da Mata, o Sertão é uma alteridade baseada nas condições telúricas das duas regiões. Essa diferença também é pensada em termos de cultura e civilização, entre a sociedade da agricultura e a do criatório.

Essa necessidade de se diferenciar surge principalmente quando a nordestinidade passa a ser compreendida sob referenciais do mundo sertanejo, e não mais pelo dos engenhos. Isso é bem perceptível no grupo dos intelectuais liderados por Gilberto Freyre, do qual Mauro Mota é participante. Dentro desse contexto, fica claro que, mesmo no momento de sua construção como regionalidade, o Nordeste também enfrentava diferenças internas persistentes até hoje, ou seja, vários Nordestes dentro do Nordeste.

Por fim, temos o Recife, cidade que tem sido vista e revista por viajantes e nativos cuja paisagem é marcada pelas águas de rios e do mar. Sobre este tema, Arrais (2004), nos convida a perceber que até o início do século XX a cidade do Recife não surgia como tópico de estudo histórico. O Recife torna-se objeto de discussão a partir das décadas de 1920 e 1930 em diante, quando se inicia o processo de modernização da cidade, mediado por uma necessidade de se adequar aos preceitos urbanísticos que dominaram o país na Belle Époque.

Esta mudança na paisagem urbana incomodou principalmente um grupo de intelectuais radicados na cidade, entre eles Gilberto Freyre e Mário Sette, que passaram a produzir uma reação a esse processo, considerando-o desagregador da paisagem de sua cidade natal. Além do problema estético arquitetônico, a modernização do Recife trouxe, para esses homens, um outro prejuízo, pois com a chegada de fábricas têxteis, uma série de migrações vão constituir, em determinados bairros, grandes comunidades

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

empobrecidas que encontraram no Mocambo sua forma de moradia, em meio à lama e à sujeira.

Para tentar fugir disso, esses intelectuais passam a produzir visões da cidade onde reinam a nostalgia ladeada pela experiência pessoal destes autores em seus núcleos familiares. Ganham foco os estudos sobre o cotidiano e as histórias despertadas pela toponímia do Recife, além de suas figuras pitorescas, seus fantasmas de senhores e escravos que assombravam os sobrados. Para Arrais, a característica, um tanto contraditória, que unia estes narradores diz respeito à forma como estes conduziam seus estudos financiados, ou empregados, pelo mesmo estado que constituía a modernização que tanto criticavam.

Dentro deste contexto o aporte do regionalismo, sobretudo a vertente que surge na década de 1920, segundo Azevêdo (1984) é um projeto com ecos tanto na ordem política, cultural quanto literária. É um dos efeitos que estas movimentações tiveram nos intelectuais recifenses do contexto, foi a forte ligação com os espaços de origem acompanhadas de um acentuado tradicionalismo. Embora não surja como um nome de grande destaque dentro do movimento regionalista do contexto mencionado, Mota deve seu papel, quando da publicação em 1979 do fac similar do *Livro do Nordeste*, publicado originalmente em 1925. Além do mais, é perceptível através de seus textos, o impacto que aquele movimento teve sobre ele, e sua identificação com os destacados ideais ficará clara ao analisarmos seus escritos a seguir.

Ambas perspectivas aqui apresentadas, serão fundamentais para entender as formas como Mota se porta diante de cada um dos espaços estudados, porém, não são suficientes para explicar com profundidade a emoção presente nos textos de Mota. Tal emotividade é sim resultante de tal contexto, mas também surge de atitudes e valores que são profundamente humanos, o apego e o amor, a aversão e o medo que os espaços são capazes de despertar no fluxo da experiência.

3 MAURO MOTA E O RECIFE, ASPECTOS DE UMA RELAÇÃO DE AMOR A CIDADE

Nos estudos de Tuan, tempo e espaço são categorias inseparáveis. No processo de experiência é a passagem do tempo que leva o indivíduo a desenvolver atitudes e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

valores que por fim levam a constituição de um lugar. Relph também reconhece essa importância, mas acrescenta outros aspectos a relação de tempo e lugar. Para ele, é inevitável que com o tempo determinados lugares possam sofrer alterações, ou seja, a relação com o lugar não se determina por sua imutabilidade, mas pela força das relações que os indivíduos mantêm para com seus lugares, assim, no caso de uma cidade, que tem como característica comum as modificações constantes, o sentimento de lugar é mantido através de tradições, da história e das memórias daquela população que se conecta constantemente, mesmo diante das mudanças.

Dessa forma, entendemos que a comunidade é também uma relação poderosa. Para Relph a comunidade reforça a identidade do lugar e vice e versa. Quanto mais forte é o sentido dessa comunidade, mais ela terá a capacidade de manter ou cuidar dos lugares com os quais se identificam. Em um sentido mais estreito é também uma fonte de memórias, a vizinhança, o povoado, a aldeia é um grande componente das memórias que em última análise compõem a nossa relação com os nossos lugares fundamentais.

Na escrita de Mouro Mota, um desses lugares de apego é o Recife. Muitas foram as declarações do autor para essa cidade, em formas de poesia, romance e prosa, mas a que reúne em menos palavras e de forma mais completa o seu pensamento é esta, escrita na introdução do livro *Bê – a- Bá de Pernambuco*:

Pernambuco é o Recife. O que é o Recife com seus bairros talássico-fluviais? Metrópole regional e econômica pela importância do centro urbano e dos novos polos industriais da periferia, moradia da história; casa matriz de cultura com as quatro universidades e a sesquicentenária Faculdade de direito, onde rebentaram os gênios de Tobias e Castro Alves, o sesquicentenário Diário de Pernambuco, o sesquicentenário Ginásio Pernambucano, o quase sesquicentenário Teatro Santa Izabel; é a arte colonial das igrejas: a de São Pedro dos Clérigos, a Conceição dos Militares, a Capela Dourada, a Basílica do Carmo. O Recife é ainda Arruda Câmara, botânico e teórico de 1817, Dom Vital, Abreu e Lima Padre Lopes Gama, Nunes Machado, Maciel Monteiro, o Marquês de Olinda, o Conde de Boa Vista, Vauhier, Antônio Pedro, de Figueiredo, Martins Júnior, Vicente do Rego Monteiro, Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo, Gilberto Freyre, Correia Picanço e Mario Schemberg. O Recife é o Cais do Apolo, o campo das Princesas, a Praça do Chora Menino. É esta luz do meio –dia que não se repete em nenhum outro lugar. É o bruaá de avenidas e o silencio noturno dos sítios suburbanos, onde a gente só ouve o rumor das frutas mudando do verde em maduro. MOTA, 1991.p. 49).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esse trecho, traz em si uma série de significados importantes. Inicialmente a ideia de lugar que se vê presente pelos elogios emocionados a natureza única da cidade, Recife, não é como as outras cidades, ela única e especial. Podemos tomar aqui a assertiva de Tuan ao dizer que o indivíduo enxerga em seu lugar o centro do mundo e que além disso, diante de seu lugar outras paragens tornam-se menos ou nada atrativas.

Outra questão importante que surge aqui é a compreensão de que a cidade é também seu povo, nesse caso particular, seus intelectuais e suas figuras históricas de renome. Essa é uma noção importante para se compreender a relação de Mota com os espaços, pois, ela é sempre mediada por sua relação com a intelectualidade, seja por que ela compunha grande parte de seu círculo social e de amizade seja pelo fato de que ele, enquanto membro dessa classe, buscava a cada texto fortalecer esse grupo, saldando suas conquistas e suas virtudes.

A partir de agora passamos a mapear algumas das obras de Mota, a primeira delas é *Votos e ex-votos: Aspectos da Vida Social do Nordeste* de 1968. Essa obra foi publicada por meio da imprensa universitária da Universidade Federal de Pernambuco. Formada por oito capítulos, cada um sendo dedicado a um tema. O que chama atenção ao longo da leitura é que embora seu título verse sobre uma pretendida análise na vida social do Nordeste, a esmagadora maioria dos capítulos são destinados a tratar de temas sobre o Recife ou, quando muito, de Pernambuco.

No contexto de publicação deste livro, Mota desempenhava diversas funções tanto administrativas quanto intelectuais. A principal delas era de diretor do Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais, papel que o permitiu um grande trânsito entre os intelectuais e suas temáticas, sobretudo aquelas relacionadas aos estudos sobre o Nordeste encabeçadas por Gilberto Freyre. Uma outra função de Mauro Mota, que está diretamente relacionada com a publicação de *Votos e Ex votos* é a sua participação no Seminário de Tropicologia, um grupo de estudos fundado dentro da Universidade Federal de Pernambuco em 1966 por Gilberto Freyre. Esse ambiente, pensado por Freyre para discutir o tema da vida do homem nos trópicos, especialmente no trópico Brasileiro, em uma abordagem interdisciplinar (CUNHA; GASPARG; SILVA, 2001).

Mota adentra no seminário já em seu primeiro ano dando uma conferência cujo título foi, *Culinária, doçaria e Trópico*, tal conferência ocorreu na reunião ordinária de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

número oito de 28 de novembro de 1966. O primeiro capítulo traz quase o mesmo nome, Culinária e doçaria, nele Mota tem como argumento inicial discutir aspectos da alimentação nordestina, mas logo passa a discussão sobre a relação entre alimentação e a natureza no Nordeste, como numa espécie de discurso ecológico, Mota associa o desaparecimento de uma cultura de doces e compotas feitos de frutas a predação das matas nativas do litoral, o domínio da cana de açúcar, acabou, de forma um tanto irônica, deixando o litoral mais amargo. Já não se via mais nas ruas do Recife as cores e aromas dos tabuleiros, cheios de goiabadas, cocadas e compotas dos mais variados tipos além das frutas miúdas, como a pitomba, o cajá e a jabuticaba. Assim, temos aqui a constituição de uma paisagem olfativa e gustativa do Recife.

A pretensão em retratar o Recife como uma cidade que mistura diversas temporalidades em seus espaços é constante na escrita de Mota. Neste sentido, ao andar pelas ruas da cidade parece haver uma sobreposição da cidade colonial com seus casarões portugueses e holandeses, com a cidade do século XIX com as praças e cafés, além da solene vida intelectual das universidades, do movimento abolicionista, dos jornais engajados. Há ainda a vida urbana dos primeiros anos do século XX, com a Belle Époque, as reformas urbanas redesenhando as avenidas, o ambiente de agitação cultural dos jornais, e as reuniões nos cafés. Essa compreensão não é exclusiva de Mota, podemos dizer que pensar desse modo, é algo comum na experiência com o lugar. Tanto para Tuan (1980) quanto para Relph (1973) a história, ou o passado é um elemento importante da relação do indivíduo com os lugares, especialmente nas cidades, que possuem, segundo Tuan, uma noção de trajetória mais organizada. A cidade como um indivíduo tem suas origens, crescimentos, modificações e crises.

Essas ideias são evidenciadas em dois capítulos de Votos e ex-votos (1968). Em Sociologia dos rótulos de cigarro, Mota estabelece a discussão de como através destes vestígios é possível enxergar a vida e os modos das pessoas de uma época. O ponto mais importante desse estudo é quando ele fala a respeito do café Lafayette, localizado entre a Rua do Imperador com a Primeiro de Março, o que começou como um depósito para cigarros:

Depois instalou no local um Café, já agora com Letra maiúscula, o mais importante do Recife até hoje. Café sentado, como se dizia, desses que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

foram abolidos porque, mais do que dinheiro no caixa, rendiam conversa fiada aos proprietários. Eram, no caso do Lafayette, dezenas de mesas cercadas de cadeiras distribuídas no grande salão com portas largas para duas frentes, mesas e cadeiras que transbordavam pela calçada larga da Rua do Imperador, que levavam ao Café quase para o meio da rua. Aí durante anos e anos, discutiram-se, da manhã á noite entre cafezinhos e baforadas, problemas pernambucanos de toda espécie. Negócios de compra e venda, acerto ou desacertos de casos políticos. O Lafayette era frequentado também pelos graúdos da Região, diretores de Jornais, deputados, senadores, governadores de estado, literatos estudantes, jornalistas. Muitos rábulas pagavam, quando não deixavam essa missão ao cliente, um tostão ou dois tostões diários, o preço do cafezinho, pelo aluguel diário do escritório: tinham o escritório no Lafayette. (MOTA, 1968.p. 39).

Este local, além de sua importância histórica e social, dada por Mota, também foi um lugar de experiência pessoal para ele. Como estudante da faculdade de Direito, e como redator do Diário de Pernambuco, Mota foi um frequentador assíduo desse café nos anos de 1930 a 1940. Nilo Pereira serve de testemunha dessa presença em sua biografia *Mauro Mota e o seu tempo* (1987, p. 127). Vemos esse rastro de experiência também através de sua descrição do café, em seus detalhes, sua proximidade com aquele ambiente. Mais à frente em seu texto, Mota descreve “a esquina do Lafayette continuou a ser a esquina de nosso mundo urbano” (Mota, 1968.p. 40).

No capítulo, *A casa*, Mota assume a posição de que no Recife, como em nenhum outro lugar, a natureza e a arquitetura se misturaram. Seja nos mocambos dos alagados feitos de lama, palhas de coco ou de cana, seja nas casas dos senhores de engenho cujas vigas, caibros e móveis se faziam das madeiras de lei das matas litorâneas. A casa é um centro de cuidado e conforto, afirmação que Mota concorda em sua escrita.

Mas além disso as casas, os sobrados do Recife, têm o poder de evocar o tempo, esse é o seu sentimento diante de uma exposição museológica sobre a arquitetura do Recife. Embora fraturados e depredados pela ação dos remodelamentos urbanos uma mínima parte deles faz surgir o todo de uma cena, e ele se vê transportado:

A exposição do Museu do IJNPS vai assim muito além do que ver plantas, nas fotografias, nas maquetes, nas madeiras, nas ferragens, nas cerâmicas. Há, no meio de tudo isso, está melancolia: o material suburbano reflete a mudança da política habitacional: foi recolhido em demolições. Mas aqui é como se as peças se reintegrassem nos corpos primitivos. É como se de uma delas, os restos de uma janela de sobrado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de subúrbio recifense, ainda viesse um aceno da moça para o estudante. Para o estudante da história da habitação em Pernambuco. (MOTA, 1968.p. 141-142).

A persistência do lugar é mantida através de um ato de memória, os museus e suas exposições trazem aqui à tona, para aqueles que têm com a cidade uma forte relação de pertencimento. Deste modo pouco importa a deterioração, as mudanças, embora tristes. Sujeitos como Mota se conecta facilmente através dos fragmentos.

Ainda na questão das memórias e da experiência temos um pequeno texto escrito em 1947 para o *Diário de Pernambuco* que apresenta, não apenas em partes, mas em toda sua extensão todo o sentimento que discutimos acima. A ideia das reminiscências, o sentido da experiência, a sensação de pertencer ao local e se integrar aquela comunidade. Há ainda a mescla de tempos sobrepostos. Este texto, denominado *Fantasma da Rua Real*. Mota começa seu texto afirmando novamente o caráter único do Recife dotando-o de um aspecto desejável a feminilidade de seu contexto:

O encanado do Recife não aparece à primeira vista. O Recife não é uma cidade oferecida e só se entrega depois de longa intimidade (...) Não sejas somente um simples transeunte dos bairros novos, nem gasteis os vossos pés na Ponte Duarte Coelho, nas edificações ou nos passeios de Santo Antônio. Guardai um pouco o olhar, alguns passos e toda a sensibilidade para certas ruas de subúrbio que envelheceram virgens como “certas mulheres magras, morenas e tímidas” que tiveram namorados românticos, mas não casaram. (MOTA, 2001, p. 80).

Mais adiante em sua escrita, surgem mais claros aspectos de uma cartografia sentimental, as ruas, lugares de seu bem querer.

Podeis escolher Apipucos, Casa Forte, Dois Irmãos, Várzea. Se quiserdes ficar mais perto, saltareis na Torre, na Rua Real, exatamente no ponto onde o bonde e o ônibus fazem a volta para a Conde de Irajá. Desprezando o que ficou para trás, penetrai no segundo trecho da Rua Real, logo e inviolado trecho, que ai morrer lá longe no rio. Estareis num doce sitio familiar que refletos em dúvida o Recife de há um século. Certamente será uma tarde de Domingo e não tereis pressa. Desprezareis as velhas calçadas e seguireis pelo centro da rua, pelas áreas que guardam as marcas sem volta dos pés dos homens, moças e das crianças de outrora. (MOTA, 2001.p 80).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Assim, por esta exploração específica de algumas das obras de Mauro Mota entendemos que o Recife surge em sua escrita como uma cidade para a qual ele dispensa grande apego emocional, essa força transcende ao tempo e às transformações superficiais. Ela se ancora no poder das memórias da juventude como estudante e como jovem jornalista. Esta cidade, surge em sua escrita como única, um lugar como nenhum outro no mundo e nesse sentido ela dá colorido emocional a vida deste homem.

5 O DESERTO EM COMBUSTÃO, O SERTÃO SE VICIADO E VICIOSO PELO OLHAR DE MAURO MOTA

Ao mesmo tempo em que evocam sentimentos de nostalgia e pertencimento, os espaços também podem ser fontes de medo, angústia ou, mesmo, de aversão. A partir dessa constatação, Tuan discute em seu livro *Paisagens do medo* (2005).

Assim os elementos que mais levam ao medo entre o homem e o meio é a percepção da natureza selvagem incontrolável. As imagens de uma seca ou de uma enchente ou de um terremoto nos causam pavor, não só pelo fato de trazerem riscos à vida e a propriedade, mas por demonstrarem a fragilidade da vida e da organização humana perante as forças naturais.

No seu capítulo sobre *Violência e medo no campo*, Tuan discute como ao longo dos séculos esse meio ambiente foi sendo construído como um espaço de harmonia, segurança e tranquilidade, tal visão é, notadamente eurocêntrica, influenciada por uma paisagística que entre seus vetores importantes esteve movimentos como o Romantismo do século XIX. Mas em inúmeras ocasiões essa imagem do campo pode ser uma generalização grosseira, não faltam exemplos em que o meio ambiente do campo pode ser marcado por um clima de violência e insegurança. Tuan cita como exemplos os casos históricos dos próprios campos europeus durante o medievo, dos assaltos em estradas e as violentas brigas entre famílias.

Tuan associa essa violência, a pobreza e a miséria que constantemente assolava essas populações, com secas, chuvas torrenciais e ou invernos rigorosos era muito comum que pela necessidade fossem cometidos muitos crimes contra a propriedade. Outro

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elemento que favorecia ao crime era a falta de controle estatal, nos rincões afastados dos centros urbanos dificilmente a ordem e a lei se faziam valer.

O Sertão é uma espacialidade que chama atenção de Mota desde de seus primeiros escritos. Na apresentação do acervo de Mauro Mota na Fundação Joaquim Nabuco, Rita de Cássia Barbosa de Araújo, descreve um poema chamado *Nordestinismo* de 1929 escrito para o *Timbaúba Jornal*. Nesse texto, Mota usa uma das imagens da seca, da fome e da sede para representar aquele Nordeste de seu contexto, marcado pelas imagens, constantes nos jornais, de grandes levas de retirantes e flagelos produzidos pela estiagem. Assim, logo cedo em sua carreira intelectual o Sertão surge como uma paisagem dramática e drástica.

Mais tarde, nos anos de 1950 a 1951, ele integrou uma expedição do Departamento Federal de obras contra a seca como jornalista. As notas de viagem compuseram um escritor chamado Roteiro do Cariri de 1951 para a Revista do Arquivo Público. Acessamos esse texto através de sua inserção na obra *Imagens do Nordeste de 1961*.

Por se tratar de notas de viagem, podemos alcançar aqui o aspecto das impressões e sentimentos do autor perante a paisagem que se desdobra à sua frente. Por outro lado, por se tratar de uma viagem dinâmica, podemos entender o porquê que em suas observações o autor é tão rígido com a região, são impressões de um estranho, não existe tempo para entender, há apenas o olhar rápido que somando uma vida de experiências litorâneas, uma formação cultural específica e um sentimento profundamente humano, geram um panorama assustador e profundamente incômodo.

Logo nos primeiros momentos do texto, Mota se dedica a reclamar das más condições locais. Ao pernoitar em um hotel, um funcionário informa que os lençóis estavam limpos pois, apenas dois hóspedes haviam os utilizados naquela semana. Com o passar de uma noite desconfortável, Mota passa a construir seu panorama da região através de um pensamento que alia a precariedade das condições materiais, as condições climáticas.

É claro que não nos deitamos nos lençóis onde outros corpos tinham deitado o cansaço, a poeira dos longos caminhos de área e os sonhos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

agitados pelas grandes caminhadas. É esta também a nossa verdadeira carga, cujo peso quase nos vence dentro da noite sertaneja sem lua e sem serenata. Lavando o rosto com uma garrafa de água, imaginamos os desesperos da população fixa numa região que parece gemer em estado de permanentes queimaduras de terceiro grau. A água das cacimbas ou dos rios foi sugada até a última gota. É um milagre encontra-la para as necessidades mais urgentes, não digo dos campos desolados, mas dos próprios indivíduos. O banheiro é aqui um templo onde próprios indivíduos. O banheiro é aqui um templo onde se penetra depois de exaustivos rituais. A própria luz doméstica, nesta paisagem arrasada pelo fogo do céu, brota hesitante de um pequeno lampião de querosene pendente de um arame no telhado do alpendre. (MOTA, 1961.p, 29).

Da mesma forma como temos em Tuan a ideia de uma topofilia, um apego ao lugar, que pode se manifestar repentinamente, em um vislumbre, aqui temos algo semelhante, mas em sentido oposto. Com apenas algumas horas de interação Mauro Mota se dá conta de um espaço opressivo, totalmente dispare de seus lugares de apego. Essa ideia de uma natureza hostil se esclarece para ele de forma súbita, e o faz expressar que “os livros não podem estabelecer com exatidão a amplitude desta realidade causticante” (MOTA, 1961.p. 29).

Surge em outro livro de Mota, *Paisagem das secas (1958)* um outro aspecto amedrontador da natureza sertaneja, as chuvas diluviais e as cheias dos rios temporários. Essa obra foi escrita sob encomenda do Comandante do Estado Maior e Comando das Forças Armadas que propôs como tema “as condições da população nordestina, particularmente a sertaneja, em face das hostilidades da natureza e das medidas para atenuá-las” (MOTA,1958, p. 11).

Assim, Mota estabelece que embora seja marcado pelas secas o Sertão também pode padecer pelas chuvas. Quando surgem no horizonte as pesadas nuvens do inverno o sertanejo enche-se de esperança, mas também de medo, sobretudo pela torrente das águas que podem levar a pouca terra agricultável, além disso, a cheia dos rios ou o rompimento de barragens e açudes geram grande preocupação dos habitantes que temiam por suas casas, terras e criações. Tendo um conhecimento desta perspectiva Mota nos narra a imagem dessa devastação:

Em breve, reboam as trovoadas de repulsão ao deserto. Coriscos chicoteiam e dilaceram as nuvens rígidas. Viola-se o cárcere inviolável das águas prisioneiras. As chuvas afogam as horas contínuas, ensopam

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o dia e a noite, solapam e desagregam os blocos das encostas, arrancam os troncos ressequidos, lançam-nos contra os animais colhidos nas suas violências pluviais. Todo esse amálgama dos três reinos precipita-se no tûmulo dos rios temporários. Deles só restam mesmo as longas covas brancas e sinuosas, desrespeitadas pelos trânsitos de gente e de veículos e da cultura de vazante em cima do sono das energias aquáticas. [...] E as águas fizeram-se, mas ainda selvagens e audazes, com as disciplinas flutuantes no meio dos destroços. Fizeram-se as águas para invadir os territórios alheios, para cobrir toda a várzea, fecundadoras e assassinas, trazendo a vida nos limos e eliminando os restos de vida no itinerário. (MOTA, 1958, p.82).

Os rios sertanejos, narrados nessa escrita de Mauro Mota, surgem selvagens imprevisíveis e ferozes muito diferentes daquele rio do Recife, o Capibaribe, que mesmo com as outrora “fúrias ocasionais” passou a ser ‘amansado’ pelos desvios de curso e pela construção da barragem de Góíá em 1978 (MOTA, 1991.p.57). Assim, ao comparar a natureza transitória desses rios e sua violenta aparição com a placidez e doçura do rio recifense, Mota também compreende essa noção do medo que vem de uma natureza indomável e imprevisível.

Para Motta, a natureza não é a única coisa hostil no Sertão, os seres humanos também são. A paisagem desolada pelo clima soma-se, nos beirais das estradas, a diversas cruces. Elas são memórias para aqueles que morreram, por acidentes ou pela ação de outros indivíduos. Seja por bala ou por faca, as estradas sertanejas se apresentam encharcadas de sangue diante de Mota que horrorizado contempla.

As cruces são plantadas nas estradas e, em certos trechos, com tão pequenos intervalos uma de outra, que dão ideia de cemitérios marginais. De certo modo, constituem uma recompensa para aqueles sacrificados sob o ímpeto de paixões que refletem ainda o vergonhoso primitivismo dominando certos núcleos da população brasileira. (MOTA, 1961.p. 49).

O medo do povo sertanejo vai muito além de sua agressividade, quando fogem das secas, os grupos de retirantes passam a ser massas indesejadas e às vezes perturbadoras para os habitantes das capitais nordestinas. Com Recife não era diferente, a cidade, uma das mais importantes capitais da região, teve que lidar, ao longo sobretudo das décadas de 1930 a 1940 com grandes fluxos migratórios vindos do sertão. Sobre esse tema, Mota vai discutir tanto em Votos e Ex votos quanto em Paisagem das Secas. Para ele, isso constituiu graves efeitos sobre a paisagem recifense como o desmatamento para

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

construção de habitações precárias, os Mocambos, além de uma sobrecarga nos sistemas de saúde, educação entre outros. Assim o excesso de população leva às doenças e a proliferação de diversos tipos de parasitas, para Mota, uma chaga na linda face da cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo escolhemos abordar uma pequena parcela da obra do escritor pernambucano Mauro Mota sob o viés de uma história dos espaços, mais especificamente, uma história que busca entender as relações entre humanidade e espacialidades ao longo do tempo. Estivemos lidando aqui com a perspectiva de um indivíduo historicamente localizado entre as primeiras décadas de 1910 a 1980 do século XX, um sujeito que vivenciou uma série de transformações na sociedade e na cultura, mas também com relação aos espaços. Ele viu sua cidade amada, o Recife, sendo modificada pelas transformações urbanísticas, já a vida sertaneja é vista como uma constante, embora a construção de açudes tenha vindo amenizar as durezas do clima, a vida nestes territórios ainda aparece sob o signo da precariedade.

Vimos aqui que os espaços podem ser fontes tanto de apego quanto de aversão e que neste sentido, dos dois lados, a experiência é um fator importante. Embora o tempo que se passa em um lugar possa ser determinante para a intensidade do apego por ele, experiências de repulsão pelos espaços podem acontecer de forma súbita, sobretudo se suas impressões de tais espaços já forem previamente construídas através de histórias e relatos.

Uma outra conclusão a que chegamos no final deste estudo é que o papel social de intelectual exercido por Mauro Mota durante sua vida é de fundamental importância para compreender o entendimento dele para com esses dois espaços. Assim, seu apego ao Recife não vem apenas dos aspectos materiais da cidade, mas também do significado que eles têm dentro de um repertório intelectual do autor, ou seja, não são apenas ruas, são lugares por onde passaram grandes homens, literatos, políticos e artistas. O Recife é uma cidade vivida, de fato, mas é também uma cidade dotada de um valor intelectual pela atuação dessa classe.

Já a experiência com o Sertão, além de breve e superficial, não apresenta o mesmo esplendor. A vida sertaneja é nesse pensamento eximida de pujança intelectual,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seria uma vida mais dura, marcada por uma luta laboral entre homem e meio, não haveria, em sua perspectiva, poesia nesse cotidiano. Além disso, o Sertão é visto de forma generalizada, ele é o mesmo em toda parte. Pensar dessa forma tem tudo a ver com a posição do autor com relação ao espaço.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: A formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2004.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: Secretaria de Cultura da Paraíba, 1984.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de (comp.). Apresentação. In: GASPAR, Lúcia (org.). **A presença de Mauro Mota no acervo da Fundação Joaquim Nabuco**: inventário documental, 1927-2010. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2011. p. 2-4.

AMARAL, Tercio Lima. História cultural, jornalismo e literatura: desafios e perspectivas da narrativa em torno de Mauro Mota e da Geração 45 em Pernambuco. In: XII Encontro Estadual de História da ANPUH de Pernambuco, 2018, Recife. História e os Desafios do Tempo Presente, 2018.

CUNHA, Lúcia Carvalheira; GASPAR, Lúcia; SILVA, Virgínia Barbosa da. Em torno do seminário de tropicalogia, 1966-2001: **Uma contribuição histórico-bibliográfica**. 2001. Disponível em: https://www.fundaj.gov.br/geral/EM_TORNO_DO_SEMINARIO_HISTORIA_E_BIBLIOGRAFIA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

DUARTE, Jodeval (Org.). **Agitação cultural**: o suplemento e Mauro Mota. Recife: Comunigraf, 2001.

MOTA, Mauro. **Paisagem das secas**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1958.

MOTA, Mauro. **Bê- a -Bá de Pernambuco**. Recife: Editora Massangana, 1991

MOTA, Mauro. **Modas e Modos**. Recife: Editora Raiz, 1977.

MOTA, Mauro. **Votos e ex-votos**: Aspectos da vida social do Nordeste. Recife: Imprensa Universitária do Recife, 1968.

MOTA, Mauro. **Imagens do Nordeste**. Brasil: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

PEREIRA, Nilo. **Mauro Mota e o seu tempo**. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RELPH, EDWARD. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1977.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora.